SIMPÓSIO ARQUIDIOCESANO DO ANO NACIONAL MARIANO

Pe. Almir Magalhães

1. PONTO DE PARTIDA - ANUNCIAÇÃO - MATERNIDADE DE MARIA - MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO - DESÍGNIO DE DEUS PARA A HUMANIDADE. (Lc. 1, 26-38).

A Anunciação é o relato da vocação de Maria: vocação à maternidade messiânica. Como todo relato de vocação, temos aqui proposta, resposta e responsabilidade: à proposta de Deus, a Virgem responde e assume seu compromisso com toda a responsabilidade.

O texto faz Ver Maria de Nazaré como uma moça rica de interioridade.

Ela dialoga com o enviado de Deus para conhecer as condições da concepção.. Mostra-se, assim, virgem sábia e prudente que como diz São João Crisóstomo, "não se deixou levar pela alegria nem aceitou de imediato o que lhe era proposto" (Boff, C. 2006, p. 414).

"No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus" - Gabriel aparece como o grande embaixador de Deus para o "tempo novo" que está por vir (Dn 8 e 9). Ele vem tratar com Maria, mulher simples da Galiléia, da *causa máxima:* a "obra dos séculos", isto é, a salvação do mundo.

A expressão CHEIA DE GRAÇA deixa Maria perturbada e pensativa.

"Como se fará isso, se não conheço homem?" - o "como" interrogativo da Virgem e um novo sinal indicativo de uma personalidade interrogativa, atenta. Não se mostra uma moça ingênua. (Boff., C, 2004, p. 50).

A encarnação e a virgindade de Maria são portentos que se põem na esfera das possibilidades divinas. Fora disso, são incompreensíveis. Não se pode medir esses mistérios com o metro das possibilidades humanas, desvendadas pela razão natural. A virgindade de Maria é apenas um espaço oferecido à fecundidade do Spíritus creator.

EIS AQUI A SERVA DO SENHOR - Eis aqui um traço, o mais característico do perfil psicológico e teológico de Maria de Nazaré: mulher que decide, que assume e que diz SIM de modo livre e determinado. Fé ativa e obediente.

"Serva" é o único título que Maria se dá (aparece duas vezes - a outra é no Magnificat - (Lc. 1,48). Este título marca a condição espiritual de Maria, como autodisposição para Deus. Com seu FIAT total à Palavra, Maria se mostra a "primeira e mais perfeita discípula de Cristo" (MC, n. 36). Indica uma disposição alegre, um desejo ardente, um anseio íntimo para que se cumpra a palavra do anjo, ou seja, o plano do Senhor.

A maternidade não se insere apenas na trajetória biográfica de Maria como um fato que interesse somente a ela. Ela está a serviço do desígnio histórico-salvífico de Deus, que diz respeito a todos os homens, sobre toda a humanidade. **Sua grandeza reside no serviço aos outros.**

A Anunciação se inscreve no sinal do realismo da encarnação e na dimensão da história da salvação. A visita do Senhor ao seu povo havia sido anunciada com insistência - não havia dúvidas sobre a sua vinda. Mas o modo como o Senhor apareceria continuava mistério.

O verbo se fez carne quando ela, movida pela luz e pela força do Espírito, ofereceu-se com disponibilidade plena à palavra e ao desígnio de Deus.

Maria não obscurece nem diminui a mediação única de Cristo, mas mostra a sua eficácia (LG 60).

Maria crê no anúncio do anjo, penetra progressivamente no mistério de Cristo, é chamada a ser discípula, tornando-se a "proto-discípula" = primeira discípula e modelo dos discípulos do Senhor, permanecendo como tal até a Páscoa, quando se destaca seu caráter missionário. Stefano de Fiores observa que, mesmo que a ideia de Maria como missionária, seja estranha ao imaginário coletivo dos cristãos, ela está em plena conformidade com os dados neo-testamentários, que fazem dela, depois de Cristo consagrado e enviado ao mundo (Jo 10,36) e em comunhão com os apóstolos, a primeira e mais alta expressão da Igreja evangelizadora. (cit. in Alexandre Mello, 2017, p. 19).

O Papa Emérito, comentando a eclesiologia profundamente mariana do Concílio Vat. II afirma: "A Igreja não é um aparato, não é simplesmente uma instituição (...) Ela é Mulher. É mãe. É viva. **A compreensão mariana da Igreja é o contraste mais forte e decisivo a um conceito de Igreja meramente funcional ou burocrático**. Nós não podemos fazer a Igreja, nós devemos ser Igreja (...). É somente sendo marianos que nos tornamos Igreja. Nas origens, a Igreja (...) a Igreja nasceu quando o fita brotou na alma de Maria. Esse é o desejo mais profundo do Concílio: que a Igreja desperte em nossas almas. **Maria nos indica o caminho.** (cit. in Alexandre Mello, 2017, 48-49. - cf. tb. Urs von Balthasar - O princípio mariano da Igreja e DAp 268.).

**2. JESUS E A PREGAÇÃO DO REINO -** Nos três anos da peregrinação em terras palestinas o RD foi o centro da vida e da pregação de Jesus (Mc. 1,15), é a palavra chave da proclamação de Jesus. O Reino de Deus é a pessoa de Jesus e a sua mensagem. Ele mesmo é a chegada desse Reino. Sua mensagem e sua pessoa são inseparáveis. (DGAE - 2015-2019, n. 5). São João traduz esta mensagem do Reino, mostrando que Jesus vem para que todos tenham vida e vida em abundância. (Jo, 10,10)

"Cristo instaurou na terra o RD, por fatos e por palavras deu a conhecer seu Pai e a si próprio e completou Sua obra pela morte, ressurreição e gloriosa ascensão e pelo envio do ES." (DV 17a).

O Reino é vida. Por isso sua prática é realizada na linha do resgate da vida. Humanizar.

Em várias passagens da Lumen Gentium, encontramos as afirmações de que a Igreja é: sacramento, sinal, instrumento, germe do Reino de Deus, sacramento universal de salvação: LG 1, 5, 48, e também a GS. 42 e 45.

**E MARIA -** Maria se encontra na mesma perspectiva do Reino anunciado por Jesus. Maria sendo CHEIA DE GRAÇA, se coloca como discípula deste Reino. No decurso da pregação de seu filho ela recebeu as palavras pelas quais, exaltando o Reino acima de raças e vínculos de carne e sangue, ele proclamou bem aventurados os que ouvem e guardam a Palavra de Deus (cf. Mc. 3,35 e Lc. 11, 27-28). Desta forma ela avançou em peregrinação de fé. Manteve fielmente a união com seu Unigênito. No Cântico de Maria se explicita a graça (kairós) que o anúncio do Reino traz para toda a humanidade... (Dic. do Vat II, Paulus-Paulinas - verbete Reino de Deus, 819-825),

A Igreja, enviada para evangelizar o mundo, tem hoje consigo a imagem de Maria, que, ao término do Concílio, foi declarada mãe da Igreja e proposta como norma de vida. Maria é, pois, a imagem e protótipo da Igreja não só na maternidade, na virgindade, no amor a cristo e a ao homem, na vida espiritual, mas também na sua ação de mestra de vida ~~será~~ simultaneamente modelo e tipo de Igreja evangelizante.

Neste sentido foi que Paulo VI, em seu discurso de encerramento do terceiro período do Concílio. (21.11.64 - mesmo dia da aprovação da Lumen Gentium), declarou MARIA, MÃE DA IGREJA. Da mesma forma é considerada na Evangelii Nuntiandi 82, como ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO como aquela que ilumina o evangelho, o evangelizador, a Igreja evangelizante(cf. tb, AE 287).

**3. ESTILO MARIANO DE EVANGELIZAR** -

Gostaria de acentuar agora uma referência que se encontra na AE 288 como um princípio fundamental para a evangelização hoje que tem implicações para a MISSÃO e COMUNHÃO na vida da Igreja. - Papa Francisco afirma que "há um **estilo mariano** na atividade evangelizadora da Igreja" porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a **acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto (tb. AE 88 e 270)** Nela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que **não precisam maltratar os outros para se sentirem importantes.** Fixando-a, descobrimos que aquela que louvava a Deus "porque derrubou os poderosos dos seus tronos e mandou os ricos de mãos vazias, é a mesma que assegura o aconchego de um lar à nossa busca de justiça... é contemplativa do Mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos... Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a evangelização.

**3.1 - ATENTA ÀS NECESSIDADES HUMANAS**

Em um dos números da Marialis Cultus (28,2), tratando da solicitude de Maria pelas necessidades humanas, indica a relação entre Maria e a Igreja como um princípio diretivo: "... por fim, facultar-lhes-à perceber mais distintamente que **a ação da Igreja no mundo é como que um prolongamento da solicitude de Maria:** aquele amor operoso de que a Virgem Maria dá mostras, realmente, em Nazaré, em casa de Isabel, em Caná e sobre o Gólgota - todos estes, momentos salvíficos de vasto alcance eclesial - encontra a sua continuidade na preocupação materna da Igreja... nos seus cuidados para com os humildes, os pobres e os fracos...."

**4. IGREJA COMUNHÃO E MISSÃO -** A partir deste conceito "**jeito mariano de evangelizar",** há alguns desdobramentos tanto na metodologia como nos conteúdos da evangelização, podemos destacar a Igreja como comunhão e missão.

São valiosas as contribuições do DAp, nominando Maria como a grande missionária. O n. 25, seguindo a expressão da Evangelii Nuntiandi, a apresenta como "estrela da evangelização renovada", "primeira discípula e grande missionária de nossos povos" e o n, 269 desenvolve o conteúdo desta afirmação, explicitando melhor porque ela é evangelizadora e missionária. Em que sentido? porque ela coopera ativamente na missão de seu Filho, porque ela recebeu uma missão: ser mãe de Cristo e de seus discípulos e porque ela é formadora de missionários.

Quando o Papa Francisco esteve no Brasil em 2013 (JMJ), indicou Maria como modelo para aqueles que buscam evangelizar e construir um **CULTURA DO ENCONTRO**, termo tão querido em seu vocabulário e na compreensão que tem da missão da Igreja, tornando-se assim **uma CATEGORIA PASTORAL** que condensa uma série de valores que devem caracterizar o agir cristão e a sociedade que este quer formar (Rev. Catequese, n. 36, jul-dez 2013, p. 14).

 Cada um de nós está chamado a anunciar o Evangelho e a promover com alegria a cultura do encontro. É uma **Igreja em saída (AE, nn. 20-24) -** Saída para as periferias geográficas e existenciais. Significa com o encontro dizer um NÃO à indiferença com relação ao sofrimento dos outros, a globalização da indiferença.

A experiência de Maria nos corações das pessoas e na história dos povos tem gerado a experiência do encontro, ajudando os homens a se sentirem família, Ela gera assim uma cultura de encontro e comunhão.

As atitudes promovidas pela presença de Maria na vida do cristão são as atitudes próprias da cultura do encontro promovida por Francisco. O DAp n. 272 - insiste no papel educativo de Maria nesse processo de transmissão cultural, tão próprio de uma mãe: "Ela cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, en fraternidade, em atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre ou necessitado. Indica além do mais, qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã. "sintam-se como em casa" 50) . Em nossas comunidades, sua forte presença tem enriquecido e continuará enriquecendo a **dimensão materna da Igreja e sua atitude acolhedora, que a converte em "casa e escola de comunhão (NMI 43) e em espaço espiritual que prepara para a missão.**

**O DAp (n. 300)** leva adiante esta proposta, agora de forma indicativa para "imitar" as atitudes de Maria. Afirmar que Maria "forma missionários" é tocar num tema fecundo na mariologia: a missão educadora de Maria na vida de seus filhos e afirma" Para o crescimento na fé, também **é conveniente aproveitar o potencial educativo presente na piedade popular mariana.** Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira "educadora da fé", que nos leva a nos assemelhar cada vez mais a JC, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes. O excelente n. 35 da Marialis Cultus expressa bem o significado de imitação, colocando-a no sentido de imitação -inspiração, enquanto se busca vivenciar as atitudes espirituais de fundo segundo as quais a virgem nazarena viveu sua particular aventura histórica e que permanecem sempre válidas. (C.Boff, Mariologia Social, p.62).

Associando-se a tudo dito até aqui, voltamos nosso olhar para as Diretrizes Gerais (Doc. 102) sobretudo nas Urgências n. 1 - Uma Igreja em estado permanente de missão e 4 - Igreja comunidade de comunidades (cf. Doc. 100).

**4.1 - CONVERSÃO PASTORAL = EXERCÍCIO DA MATERNIDADE DA IGREJA**

Seguindo a mesma lógica de raciocínio, a Igreja em saída é convocada a superar uma pastoral de mera conservação ou manutenção para assumir uma pastoral decididamente missionária, numa atitude que é chamada de conversão pastoral, como caminho da ação evangelizadora (DGAE 2015-2019, n 30, e DAp 370). Importante salientar que, na lógica até aqui desenvolvida **(encontro**), o Papa Francisco no encontro com o Episcopado brasileiro durante a JMJ (17 de julho de 2013), falando sobre a Igreja em Estado Permanente de Missão, assim se expressou: "Quanto a conversão pastoral nada mais é do que **o exercício da maternidade da Igreja**. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão...Por isso faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de "feridos", que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor. Aqui Maria ressurge novamente com o seu perfil de MÃE DA IGREJA.

**4.2 - A DIMENSÃO PROFÉTICA - O MAGNIFICAT** - Podemos considerar esta uma lacuna no momento atual. O Cântico traz as esperanças dos profetas, de que, com o Messias virá um tempo de justiça e felicidade para todos.

Na história do povo de Deus, os profetas recordam a Aliança, anunciam novo tempo, denunciam as injustiças sociais e a manipulação religiosa e recriam a esperança em tempos de desânimo, (MURAD, 2012, pp. 76-80).

O Mariólogo acima referido afirma que, no Cântico de Maria, anuncia-se que Deus opera três rupturas estruturais:

**a) Dispersa os soberbos de coração (Lc 1,51)** - Ruptura de vida. Os soberbos são homens e mulheres autossuficiente e orgulhosos. Jesus realiza esta nprofecia = os últimos da sociedade do seu tempo serão os primeiros. (Lc. 13,30; 14,9).

**b) Derruba dos tronos os poderosos e eleva os humildes - (lc 1, 52) -** A segunda ruptura toca o poder. Isto se realiza na pregação e na prática de Jesus. Desautoriza o poder dos fariseus, mostra que o formalismo religioso e as tradições legalistas os afastam do Deus da Vida e favorecem a discriminação no meio do povo eleito,.

**c) Enche de bens os famintos, despede os ricos de mãos vazias - (Lc. 1,53) -** Diz respeito ao âmbito econômico, que toca a distribuição dos bens, a começar do nível básico da alimentação. Quem não tem o suficiente para se alimentar compromete sua existência. Jesus anuncia que com a vinda do RD, as carências humanas básicas serão superadas. A interpretação atual do Magnificat também contempla a perspectiva ecológica.

Depois desta apresentação dos três versículos, quero completar com três documentos do Magistério da Igreja:

**a) A MÃE DO REDENTOR ( J. Paulo II, 25.mar.87) -** São três números dedicados ao Magnificat - 35 a 37. Destaco apenas parte do n. 37: "o seu *amor preferencial pelos pobres* acha-se admiravelmente inscrito no Magnificat de Maria. O Deus da Aliança, cantado pela Virgem de Nazaré, com exultação do seu espírito, é ao mesmo tempo aquele que "Derruba os poderosos dos tronos e exalta os humildes... enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias... dispersa os soberbos... e conserva a sua misericórdia para com aqueles que o temem". "Haurindo certeza do coração de Maria, da profundidade de sua fé, expressa nas palavras do Magnificat, a Igreja renova em si, sempre para melhor, essa própria certeza de que *não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva,* de Deus que é fonte de toda dádiva, *da manifestação do seu amor preferencial pelos pobre e pelos humildes,* amor que, depois que cantado no Magnificat, se encontra expresso nas palavras e nas obras de Jesus... e continua: não podem ser separados esses dois elementos da mensagem contida no Magnificat, mas também de que deve outrossim ser salvaguardada cuidadosamente a importância que têm os "pobres" e a "opção em favor dos pobres" na palavra do Deus vivo.

**b) MARIALIS CULTUS - (Paulo Vi - 2.fev.74) -** No n. 37.2 o Papa traça a imagem da Virgem como uma mulher profética e libertadora. O texto do pontífice afirma: Assim... a mulher contemporânea...verificará com grata surpresa que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo. É uma imagem de uma mulher vigorosa, revolucionária, sem entretanto parecer dura ou intolerante,

**c) LIBERTATIS CONSCIENTIA -** É um documento sobre a Teologia da Libertação (o segundo), da Congregação para a Doutrina da Fé e aprovado pelo Papa. Este documento se refere ao Magnificat em 4 (quatro) números - 48, 97, 98 e 100. Nos números 97 ao 100, o doc. apresenta um discurso articulado sobre o sentido libertador do Magnificat. O n. 99 identifica neste cântico duas dimensões essenciais e hierarquizadas da libertação pela ótica cristã. SOTERIOLÓGICA e ÉTICA.

No n. 97 afirma de modo muito feliz, que a Virgem Maria é, ao lado do Filho, a "imagem mais perfeita da liberdade e da libertação". Mas a contribuição mais original desta Instrução é a articulação orgânica que entende estabelecer entre a fé e a libertação social. Propõe-na nesta forma: A libertação cristã deriva, decorre, provém da própria fé. Desta forma, "A libertação, em sua significação primordial, que é soteriológica, prolonga-se, assim, em missão libertadora, em exigência ética" (99.2).

Concluindo: "Ela nos mostra que é pela fé e na fé que, a seu exemplo, o povo de Deus torna-se capaz de exprimir em palavras e de traduzir em sua vida o mistério do desígnio de salvação e suas dimensões libertadoras no plano da existência individual e social" (97.1).

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -**

**\* O SANTUÁRIO -** Como a devoção mariana se expressa muito nos santuários, uma observação: "Para nada servirá viver o "tempo do santuário", se esse não nos impelisse ao "tempo da estrada", ao "tempo da missão" e ao "tempo do serviço", lá onde Deus se manifesta como amor para com as criaturas mais débeis e mais pobres... A visita ao santuário mostrará então os seus frutos, de modo particular no empenho caritativo, na ação pela promoção da dignidade humana, da justiça e da paz, valores para os quais os crentes se sentirão chamados de modo novo" (O Santuário, Memória, Presença e Profecia do Deus vivo, 1999, n. 80.

**\* EVITAR ATITUDES CULTUAIS ERRÔNEAS -** O Concílio, através da Lumen Gentiu, m 67 e sobretudo a Marialis Cultus, (nn 38 e 39) chamam a atenção para desvios. O Concílio Vaticano II já denunciou, autorizadamente, tanto o exagero de conteúdos ou de formas que vai até ao ponto de falsear a doutrina, como a mesquinhez de mente que chega a obscurecer a figura e a missão de Maria; de igual modo alguns desvios cultuais; a vã credulidade, que a uma aplicação séria substitui o dar-se a práticas apenas exteriores; o estéril e passageiro impulso de sentimento tão alheio ao estilo evangélico, que exige esforço permanente efetivo (LG 67). Nós reiteramos a deploração destas coisas: não são formas em harmonia com a fé católica e, por conseguinte, não devem subsistir no culto católico. (MC 38) e, por fim, apresenta a finalidade última à Bem Aventurada Virgem Maria - "A finalidade última do culto à Bem Aventurada Virgem Maria é glorificar a Deus e levar os cristãos a aplicarem-se numa vida absolutamente conforme a sua vontade" (mc 39).

Marialis Cultus oferece critérios orientativos para a renovação da piedade mariana, que servem também para avaliar referida piedade. (nn. 24 a 39 - II parte).

**\* SOBRE O ROSÁRIO** -

O Rosário, precisamente a partir da experiência de Maria *é uma oração marcadamente contemplativa*. Privado desta dimensão, perderia sentido, como sublinhava Paulo VI: "Sem contemplação, o Rosário é corpo sem alma e a sua recitação corre o perigo de tornar-se uma repetição mecânica de fórmulas e de vir a achar-se em contradição com a advertência de Jesus; "Na oração não sejais palavrosos como os gentios, que imaginam que hão se ser ouvidos graças à sua verbosidade}}" (Mt 6,7). Por sua natureza, a recitação do Rosário requer um ritmo tranquilo e uma certa demora na reflexão, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor..." ( MC 47 e RVM, n. 12), Na mesma linha se encontram os números 26 e 28.

A meditação dos mistérios é o método baseado na repetição. Considerando superficialmente tal repetição, pode-se ser tentado a ver o Rosário como uma prática árida e aborrecida. Chega-se, porém, a uma ideia muito diferente, como expressão daquele amor que não se cansa de voltar à pessoa amada que, apesar de semelhantes na sua manifestação, são sempre novas pelos sentimentos que a permeiam. (RVM 26).

Falando da inserção dos *misteria lucis* João Paulo II afirma que, "por meio delas, embora respeitando a estrutura amplamente consolidada desta oração, queria ajudar os fiéis a compreendê-las nos seus aspectos simbólicos, em sintonia com as exigências da vida cotidiana. Sem isso, o Rosário corre o risco não só de não produzir os efeitos espirituais desejados, mas até de o terço, com que habitualmente é recitado, acabar por ser visto quase como um amuleto ou objeto mágico, com uma adulteração radical do seu sentido e função, (RVM 28).

"Como seria possível fixar nos mistérios gozosos o Mistério do menino nascido em Belém, sem sentir o desejo de acolher, defender e promover a vida, preocupando-se com o sofrimento das crianças das diversas partes do mundo? Como se poderia seguir os passos de Cristo revelador, nos mistérios da luz, sem se empenhar a testemunhar as suas "bem-aventuranças", na vida diária? ... Longe de se constituir uma fuga dos problemas do mundo, o Rosário leva-nos assim a vê-los com olhar responsável e generoso, e alcança-nos a força de voltar para eles com a certeza da ajuda de Deus e o firme propósito de testemunhar em todas as circunstâncias "a caridade, que é o vínculo da perfeição" -(Cl. 3, 14)" (RVM n. 40).

**+ SOBRE A COMUNHÃO NA VIDA ECLESIAL -** A Igreja é COMUNHÃO E MISSÃO. Neste sentido há muito paralelismo na vida eclesial. Apesar da diversidade de ministérios há na dinâmica da vida eclesial individualismo muito grande, sem convergir para a unidade, para a eclesialidade. É uma espécie de relativismo pastoral que toda conta de Paróquias, movimentos, grupos, novas comunidades, cada um fazendo do seu jeito. Vale lembrar que a eclesiologia de comunhão tem seu fundamento na TRINDADE (LG e AG) que deve ter seu desdobramento no interior da comunidade paroquial e também de todos os que estão nela inseridos. "

O privilégio tradicional de "isenção" concedido a muitos institutos de vida consagrada tem como significado não uma supralocalidade desencarnada ou uma autonomia mal entendida, mas sim uma inserção mais profunda entre as dimensões universal e particular da Igreja. Analogamente, as novas realidades carismáticas, sempre que possuírem caráter supradiocesano, não deverão conceber a si próprias de modo totalmente autônomo no que diz respeito à Igreja Particular. Pelo contrário, devem enriquecê-la e servi-la por força das próprias peculiaridades partilhadas para além dos confins de uma diocese singular" (Juvenescit Ecclesua - n. 21). (CDC cânon 591).

Penso que aqui vale a pena retomar o significado da **Espiritualidade de Comunhão** bem explicitada nos nn. 43 e 45 da Carta Apostólica de J.P. II - No Início do Novo Milênio.

É o que o Papa Francisco descreve no n. 130 da Alegria do Evangelho: Carismas ao serviço da comunhão evangelizadora: "É NA COMUNHÃO, MESMO QUE SEJA FADIGOSA, QUE UM CARISMA SE REVELA AUTÊNTICA E MISTERIOSAMENTE FECUNDO. SE VIVE ESSE DESAFIO, A IGREJA PODE SER UM MODELO PARA A PAZ NO MUNDO"

**BIBLIOGRAFIA**

**1. MAGISTÉRIO DA IGREJA**

**\*** *Lumen Gentium* - Conc. Vat. II, 21.11.64

\* Paulo VI - *Marialis Cultus*, 2.2.74

\* Paulo VI - *Evangelii Nuntiandi*, 8.12.75

\* João Paulo II - A mãe do redentor - 25.3.87

\* \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, No início do novo milênio - 06.1.2001

\* \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, *Rosarium Virginis Mariae*, 16.10.2002

\* Papa Francisco, A Alegria do Evangelho - 24.11.13, A filha de Sião - a devoção Mariana na Igreja, - Paulus, 2013.

\* O Santuário - Pontifício Conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes - 8.5.99

\* *Libertatis Conscientia* - Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé - 23.5.1986

\* *Iuvenescit Ecclesia* - sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja, Congregação para a Doutrina na Fé – 22.3.1986.

\* Diretório sobre a Piedade Popular - Princípios e orientações, Paulinas 2003.

\* Documento de Puebla - 27.jan a 13.fev.79.

\* Documento de Aparecida - V Conf. Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - 13 a 31 de maio de 2007.

\* CNBB - Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia - a conversão pastoral da paróquia. Doc. 100

\* CNBB, Pe. Alexandre Awi Melo, ISch, Maria: Discípula, missionária do Senhor - A Mãe de Jesus na Conferência de Aparecida - Coleção Mãe de Deus, n. 2.

\* CNBB -Diretrizes Gerais, 2015-19 - Doc. 102

**OUTROS**

\* Stefano de Fiores... Dicionário de Mariologia, Paulus, 1995

\* João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez - Dicionário do Concílio Vat. II - Paulinas - Paulus, 2015.

\* Clodovis Boff, OSM - Mariologia Social, Paulus, 2006

\* \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, Introdução à Mariologia, Vozes, 2004

\* Lina Boff, Maria na vida do povo,

\* Pe. Valdivino Guiimarães, C.SS.R - Maria na Liturgia e na Piedade Popular, Paulus, 2017.

\* Afonso Murad, Maria, Toda de Deus e tão humana. Paulinas-Santuário - 2012.

\* Kathleen Coyle, Maria na Tradição Cristã a partir de uma perspectiva contemporânea, Paulus, 2000.

\* \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, Maria, tão plena de Deus e tão nossa, Paulus, 2012

\* Pe. Alexandre Awi Melo - Jornada Mundial da Juventude, experiência e promoção da 'cultura do encontro', in, Revista de Catequese n. 142 - julho-dezembro de 2013.